

## ENTREVISTA COM O ESTRIGAS



Nilo Brito Firmeza (Estrigas)

**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistadora

### **Danielle Almeida Lopes**

Graduada pela Universidade Estadual do Ceará em Licenciatura em História, atualmente é bolsista PROVIC/UECE atuando na seguinte linha de pesquisa: "CAPITALISMO E CIVILIZAÇÃO NAS CIDADES DO ESTADO DO CEARÁ (1860 - 1930)" - Práticas letradas e urbanidade vinculado ao Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS\ UECE).

## ENTREVISTA COM O ESTRIGAS

**Entrevistadora: Danielle de Almeida Lopes**

Na tarde chuvosa do dia 17 de Março de 2014, o artista plástico Nilo Brito Firmeza, mais conhecido pelo apelido Estrigas, nome que carrega consigo desde moço; recebeu-me<sup>1</sup> em seu Sítio Firmeza (uma ilha de calmaria localizada no bairro Mondubim em Fortaleza –Ceará), para uma conversa sobre arte, modernismo e outros tópicos importantes relacionados à pintura, tais quais: nomes da arte local e impressões sobre a arte cearense contemporânea.

Filho de Hermenegildo Brito Firmeza e de Bárbara Brito Firmeza, Estrigas nasceu no dia 19 de setembro, na Rua Barão do Rio Branco, no Centro da capital cearense. Formado em odontologia, passa a frequentar a Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP, em 1950, onde realiza seus primeiros cursos de pintura e desenho, e torna-se membro da diretoria desta, em 1953. Exerce a profissão de odontólogo em paralelo com a pintura, atuando como colaborador de revistas especializadas e jornais de grande circulação da cidade de Fortaleza, publicando textos sobre artes plásticas.

Nilo Firmeza possui muitos livros publicados, entre eles “Arte – aspectos pré-históricos no Ceará”, “Artes Plásticas no Ceará” e “Salão de Abril – história e personagens”. Fez ilustrações para obras literárias. Fundou em 1969 o Minimuseu Firmeza, localizado em seu sítio, este contou por anos com os cuidados de Nice Firmeza, também artista e esposa de Estrigase que tinha uma atenção especial não só com o Minimuseu, mas também com o fazer da arte local.

Optei neste trabalho por fazer uma análise oral na modalidade temática, explorando pontos da trajetória do sujeito deste trabalho e direcionando as perguntas para que a entrevista não ficasse cansativa para o entrevistado. Sabemos que história oral trabalha essencialmente com a memória e a questão da memória toca na imagem que construímos sobre nós e apresentamos aos outros com um sentimento de continuidade do que produzimos

---

<sup>1</sup>A entrevista foi concedida a Graduanda Danielle Almeida Lopes. Danielle cursa o 8º semestre de História da Universidade estadual do Ceará, é bolsista CNPq, membro do Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas em seu eixo Práticas Letradas e tem pesquisa voltada para as seguintes áreas de concentração: História da Arte, História e Imagens, História e Cidades e História e Urbanização.

em vida, por essa questão, este tipo de fonte deve ser problematizada e questionada para que, por meio dos filtros certos, possa contribuir para uma pesquisa histórica.

Iremos nos deparar com arte, emoções, lembranças, vivências e sensibilidades nas próximas linhas que tem como objetivo principal aprofundar um pouco mais acerca da vida e produção de Estrigas, além de contribuir para o estudo da História da Arte local.

\*\*\*

**Danielle Almeida Lopes** - *Estrigas, existem livros falando do senhor, construindo uma história sobre a sua vida, acho que seria interessante começar esta entrevista sabendo um pouco mais da sua trajetória, mas agora contata pelo senhor mesmo. Quem é o Estrigas, por que decidiu pintar?*

**Nilo Brito Firmeza** - Assim, eu acho que o Estrigas é um prolongamento do Nilo, e o Nilo? Quem é o Nilo? O Nilo é um cidadão que nasceu num ano de seca, eu acho que por isso que ele é pequenininho, franzino, é por que nasceu num ano de seca e dentro do seu ambiente ele encontrou uma facilidade ou uma tendência para que ele viesse a ter um conhecimento sobre arte, sobre literatura, sobre história. Por quê? Por que eu tinha uma biblioteca muito boa em casa. Meu pai era professor de História, de História da Civilização e eu bebi muito na fonte da biblioteca dele. Foi essa biblioteca que me deu condição de ser o que eu fui posteriormente, então, o Estrigas nasceu partindo daí. Um irmão que tinha sido aluno da escola de Belas Artes, e um dia, eu me lembro bem, ele pegou a minha mão e desenhou um perfil de pessoa. Esse ponto foi a partida, mas não teve prosseguimento na época. Naturalmente ficou na minha formação e quando houve possibilidade da antiga vontade de arte se manifestar, ela se manifestou.

**D.A.L.** - *A partir dessa vontade de manifestação de seu talento, quais caminhos foram traçados, quem te influenciou?*

**N.B.F.** - Quando eu comecei a ver trabalho de arte em revista ou livro, eu comecei a copiar o que eu via e isso foi se desenvolvendo, a minha prática de fazer, comecei fazendo arte de reprodução. Nessa época não tinha educação artística, tínhamos desenho geométrico mais pra um desenvolvimento da questão espacial, isso é diferente de ensino de

arte. Ninguém me orientou, então eu me desenvolvi a custa de ver exposições, de buscar conhecerehouve um dia, uma época em que eu fui convidado a conhecer a SCAP, lugar que eu desconhecia embora já conhecendo alguns artistas da época, mas ninguém me falava de uma Sociedade Cearense das Artes Plásticas. Tive um convite e eu fui. Lá, eu passei a tomar conhecimento da técnica do trabalho. Eu não tinha conhecimento técnico. Que material é esse? Como é que a gente usa isso daqui? Foi aí que eu aprendia usar a teoria e prática. Pra auxiliar no ensino, a gente ia pintar em campo, ir ver de perto o que eu pintava. A gente ia para o campo, levando o material e orientado pelos pintores da SCAP. Foi esse o começo, posteriormente, a gente vai se libertando dos orientadores e caminhando sozinho. E aí eu continuei, e é assim até hoje.

**D.A.L.** - *O senhor pintava em campo, ia pintar in loco, costumava desbravar a cidade com outros pintores, mas que cidade era essa? Como Fortaleza era quando vocês a desbravavam pra pintar?*

**N.B.F.** - Ah, eu posso dizer que era uma moça. Fortaleza era uma moça jovem. Seus limites eram próximos, posso dizer. A Igreja dos Remédios no Benfica de um lado, de outro o Passeio Público. Se você fosse lá pra onde hoje é a Bezerra de Menezes, lá era o Alagadiço, o outro limite era o Estoril, por fim o bairro José Bonifácio e aí acabou. A gente conhecia e andava Fortaleza toda com folga, andávamos a pé. Fortaleza era uma garota, e a gente vivia namorando essa garota (risos). O movimento de arte anterior, o liderado pelo Mário Baratta<sup>2</sup> dizia que sua época foi um tempo de descoberta. Dizia ele: “Descobrimos o riacho do Jacarecanga”, “Nós descobrimos o Poço da Draga, onde deságua do Rio Pajeú”, “Nós descobrimos o Morro do Moinho”. E ele dizia, esses locais fazem parte da História de Fortaleza, a gente transformou eles em lugares importantes para a História da Arte de Fortaleza.

**D.A.L.** - *E por que esses locais foram tão importantes para vocês, artistas, ao ponto de colocá-los nas páginas da História da Arte no Ceará?*

**N.B.F.** - Olha, porque um exemplo é o Rio Pajeú. Esse Rio serviu para a entrada dos colonizadores portugueses e holandeses aqui no Ceará. Está na história, a gente vai colocar na História da Arte, vai ser nosso *ateliê* e o nosso objeto de pintura. Era como ele

---

<sup>2</sup>O carioca Mário Baratta era pintor e viera a Fortaleza por meio de uma transferência promovida por seu trabalho no IBGE. Baratta trouxe do Rio de Janeiro o jeito carioca de fazer arte e sua experiência contribuiu para a modificação na forma de se fazer arte no Ceará.

chamava, a época das grandes descobertas, (re)descobriríamos a História do Ceará com nossas pinturas.

**D.A.L.** - *É interessante o senhor falar em pintar in loco, sair do ateliê e transformar o campo em local de pintura por que antes, no começo do século, os artistas de grande renome como o Raimundo Cella tinham uma prática de pintar em locais fechados, tinham seus ateliês em suas casas. Então, pintar em campo significaria dizer que era uma inovação, ou melhor, uma renovação na pintura local. A quem se devia essa renovação, essa nova forma de se fazer arte?*

**N.B.F.** - Olha, quando chegou notícia da existência de uma arte moderna aqui, foi com o impressionismo. E o impressionismo o que é? Qual é o ponto fundamental no impressionismo? É pintar o que vê, o que a luz der vazão para que você crie, o que a luz permite que você pinte e isso só é possível em um ambiente livre. Em um ambiente aberto e o modernismo, com seu aprendizado, levou o pessoal a essa questão do “ir ao campo”. E isso aconteceu dessa forma, o impressionismo chamou o pessoal para o campo, com sua luz, pintar o que viu. Agora, eu acho que esse “ismo” nas terminologias é que gera um problema.

**D.A.L.** - *E que tipo de problema os “ismos” geram?*

**N.B.F.** - O problema em torno dessas palavras, desses conceitos sobre os “ismos”, “modernismo”, “impressionismo”, “abstracionismo” é que o tempo em que ele acontece na História não é o mesmo da História da Arte. Tem historiador da arte que informa que o modernismo começou com o impressionismo, outros que começou com o cubismo e tudo que viria depois não seria modernismo e sim contemporâneo, então, assim a definição do modernismo fica meio complicada. Um exemplo dessa variação de tempo do desenvolvimento do modernismo aqui no Ceará pode ser identificado no que se refere a poesia e a arte. Na poesia, o modernismo começa por aqui no ano de 1927 com a Maracajá, Cipó de fogo. E na arte? Não tínhamos um desenvolvimento muito expressivo sobre ele, mas no fim da década de 1930, o Barrica e o Tx<sup>3</sup> pintavam com todas as características do modernismo em cor, textura, forma, gestos mesmo não se declarando como tal. Eles seguiam a linha modernista, mas não tinham a auto-afirmação quanto modernismo.

Quando foi na década de 1940, com a renovação proporcionada pelo Mário Baratta por aqui é que ele afirmava junto com a SCAP: “Somos modernistas”, “Nós fazemos

---

<sup>3</sup>Barrica e Tx eram pintores cearenses que no final da década de 1940 pintavam sob a influência impressionista no Ceará, sendo considerados assim por Estrigas como precursores do Modernismo no Ceará.

arte moderna”. No Salão de Abril do ano de 1953 a gente já nota nos catálogos e premiações duas divisões: uma divisão geral que já existia e uma nova, a divisão moderna, quer dizer, o Salão de Abril oficializa e reconhece o modernismo, tanto é que divide seu quarto em geral e moderno. Isso foi bom por que quando as obras modernistas entravam na visão geral, eram obras gerais, mas agora não, eram obras modernistas.

**D.A.L.** - *Muito bem, em relação a essa questão do modernismo aqui no Ceará, é comum sempre vermos em destaque a figura de Antônio Bandeira. Onde ele se encaixa neste processo?*

**N.B.F.** - Ele começou cedo com a professora Mundica. Ela tinha um processo de escola convencional, de reprodução simples. Pro Bandeira foi bom esse processo por que ele teve suas primeiras lições. Quando já na década de 1940, ele passou a ter algum conhecimento de arte, conheceu o trabalho do Van Gogh e o desenvolvimento foi sendo cada vez maior. Teve a questão de pintar em campo, da paisagem natural, surgiu o convite para participar da SCAP e com o talento e sensibilidade que ele tinha, tudo isso foi extravasado em seus trabalhos, tomando moldes abstracionistas na sua forma de pintar. Pintou diferente, passou pelo estilo impressionista, abstrato, pintava sobre os aspectos modernistas. Então, Bandeira não foi só importante para a arte local como a nível mundial.

**D.A.L.** - *E na sua opinião, mesmo com essa importância mundial, qual foi a principal contribuição de Bandeira para a arte cearense?*

**N.B.F.** - Então, com toda a sensibilidade que ele tinha, ele impressionava. Ele tinha tanta força artística que renovou o espírito dos colegas, estimulou o trabalho dos críticos com sua poesia e seu destaque. Por isso, por essa nova forma de fazer arte ele foi merecidamente levado a um meio maior, levou o trabalho e o nome do Ceará para o mundo é isso que eu tenho a falar.

**D.A.L.** - *Muito bem, agradeço imensamente pelo espaço para esta entrevista, por sua fala e pela simpatia na recepção, Estrigas.*

**N.B.F.** - Agradeço pelo espaço, pela visita, pela simpatia, companhia. Por me ouvir.

\*\*\*

Entrevista recebida em maio de 2014. Aprovada em setembro de 2014.